

Pedagogia Feminista Negra: veneno decolonial tomando rumos de teoria da educação

Black Feminist Pedagogy: decolonial poison taking new directions in education theory

Pedagogia Feminista Negra: veneno decolonial tomando rumbos em la teoria de la educación

Juliana Santos de Santana¹ , Jaqueline de Souza Pereira Grilo¹ , Pedro Paulo de Souza Rios² 

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

² Universidade Federal Vale do São Francisco, Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil.

Autor correspondente:

Juliana Santos de Santana

Email: juli.ssantanas@gmail.com

Como citar: Santana, J. S., Grilo, J. S.P., & Rios, P. P. S. (2025). Pedagogia Feminista Negra: veneno decolonial tomando rumos de teoria da educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 18(37), e23439.

<http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v18i37.23439>

RESUMO

A finalidade deste artigo é apontar os primeiros indícios de como a Pedagogia Feminista Negra pode se constituir futuramente enquanto uma teoria da educação. Ele é fruto de um ensaio teórico que pretende estabelecer diálogos entre as teóricas do feminismo negro que tratam direta ou indiretamente sobre educação, afim de apontar a insurgência de um pensamento que indica a Pedagogia Feminista Negra como potencial teoria da educação. De posse dos conceitos chave de suas teorizações, dirigimos o nosso olhar para como tais conceitos podem orientar uma prática pedagógica que evidencia o pensamento, a experiência e a perspectiva de mulheres negras para pensar a sociedade, as relações, a interseccionalidade e outros elementos que possuem potencial quando dirigidos aos espaços onde se estabelecem relações de ensino e relações de aprendizagem. Não esgotando as possibilidades de pensar uma nova teoria da educação, a Pedagogia Feminista Negra inaugura sinais de uma educação antirracista, mas necessita de estudos direcionados às teorias de aprendizagem e outros elementos que podem ser identificados a partir dos pilares do Feminismo Negro.

Palavras-chave: Educação e Feminismo Negro. Pedagogia Feminista Negra. Teoria da Educação.

ABSTRACT

The purpose of this article is to highlight the initial indications of how Black Feminist Pedagogy may, in the future, become established as a theory of education. It is the result of a theoretical essay that

seeks to establish dialogues among Black feminist theorists who address, directly or indirectly, issues related to education, aiming to point out the emergence of a line of thought that positions Black Feminist Pedagogy as a potential educational theory. Building on the key concepts from these theoretical frameworks, we examine how such concepts can guide pedagogical practices that bring forth the thinking, experiences, and perspectives of Black women in reflecting on society, relationships, intersectionality, and other elements that hold transformative potential when applied to spaces where teaching and learning relationships take place. Without exhausting the possibilities of envisioning a new theory of education, Black Feminist Pedagogy signals the emergence of an antiracist education, yet it requires further studies focused on learning theories and other components that may be identified through the foundational pillars of Black Feminism.

Keywords: Black Feminist Pedagogy. Education and Black Feminism. Theory of Education.

RESUMEN

El propósito de este artículo es señalar los primeros indicios de cómo la Pedagogía Feminista Negra puede, en el futuro, constituirse como una teoría de la educación. Es fruto de un ensayo teórico que busca establecer diálogos entre las teóricas del feminismo negro que abordan, directa o indirectamente, cuestiones relacionadas con la educación, con el fin de señalar la insurgencia de un pensamiento que indica a la Pedagogía Feminista Negra como una teoría educativa potencial. A partir de los conceptos clave de estas teorizaciones, dirigimos nuestra mirada a cómo tales conceptos pueden orientar una práctica pedagógica que visibilice el pensamiento, la experiencia y la perspectiva de las mujeres negras para reflexionar sobre la sociedad, las relaciones, la interseccionalidad y otros elementos que poseen un potencial transformador cuando se aplican a los espacios donde se establecen relaciones de enseñanza y aprendizaje. Sin agotar las posibilidades de pensar una nueva teoría de la educación, la Pedagogía Feminista Negra inaugura señales de una educación antirracista, pero requiere estudios dirigidos a las teorías del aprendizaje y a otros elementos que pueden identificarse a partir de los pilares del Feminismo Negro.

Palabras clave: Educación y Feminismo Negro. Pedagogía Feminista Negra. Teoría de la Educación.

INTRODUÇÃO

Ouvi de um mais velho uma história sobre a minha ancestral, acredito que essa história tenha outras versões e esteja contada em outros livros por aí, mas gostaria de narrar neste espaço com a verdade que me foi apresentada por alguém que faz questão de me ensinar sobre o passado, olhando para o presente e pensando no futuro. Me contou, então, que Oxum sempre foi uma mulher muito aguerrida, determinada, que não aceitava não como resposta, e que apesar de estar sempre colocada neste lugar do amor, é uma guerreira estratégica que ensina sobre a astúcia das mulheres negras. Conta-se hoje em dia muitas histórias sobre Oxum ter se relacionado com muitos orixás, e não estou aqui para negar essas histórias, mas para explicar uma coisa: se cada orixá carrega uma característica, um domínio de um elemento ou força da natureza, ao casar-se e conviver com cada um deles Oxum passou a dominar cada um desses elementos, tornando-se uma das mulheres mais poderosas de seu tempo.

Dotada de poder, magia e sabedoria, Oxum sempre soube se colocar em lugar de destaque, mesmo quando era subestimada. Em um momento muito específico da sua história Oxum, ao casar-se com Xangô não era considerada uma mulher forte. Tendo ele a companhia de grandes e renomadas guerreiras como Obá e Oyá, Xangô via Oxum como o que chamamos hoje de “esposa troféu”, a mulher bonita que ele exibirá aos seus inimigos, que cuidaria do seu castelo e de seus herdeiros. Xangô, ao ser avisado de um ataque que ocorreria em seu reino, antecipou seu exército e partiu para a guerra levando consigo Obá e Oyá, e deixando Oxum com as responsabilidades do lar. Após a partida dos exércitos, um olheiro que vivia próximo aos muros do castelo corre para

informar a Oxum que Xangô havia sido enganado, os exércitos não estavam marchando, eles já haviam cercado o reino e esperado a saída do rei para realizar o ataque.

Ao ser informada, Oxum pede ao olheiro que vá atrás dos exércitos e informe a Xangô sobre a emboscada. Responsável pelo cuidado das mulheres e crianças que ali estavam Oxum deu apenas uma ordem: “preparem o maior banquete que este reino já viu”. Durante o preparo Oxum fiscalizou cada panela, travessa e assadeira. Cada animal, vegetal e legume preparado para o banquete passou pela sua supervisão, exigindo a melhor qualidade de cada item. Uma grande mesa foi posta no salão e no momento que os exércitos entraram no reino de Xangô, receberam o convite da grande deusa para um jantar. Entendendo que já estavam vitoriosos, os soldados dirigiram-se para o castelo para se deliciarem do banquete que havia sido preparado para eles.

Cercadas de medo, as mulheres serviam os pratos, sem compreender tal ato determinado pela grande senhora. Oxum, sentada à cabeceira da mesa vestindo um vestido dourado e suas melhores joias, assistia seus inimigos se deliciarem com o banquete. Algumas mulheres sussurraram pelos cantos que Oxum estava se aliando aos inimigos como uma forma de vingar-se de Xangô por ter desvalorizado a sua força e o seu potencial como guerreira. Outras, espantadas, só conseguiam assistir ao desenrolar do banquete. A certa hora, no caminhar da madrugada, Xangô consegue retornar com seu exército e fica espantado com a cena devastadora que encontra em seu castelo. Não havia sobrado nenhum homem sequer do exército inimigo. Oxum havia envenenado cada elemento servido no jantar, da comida à bebida, tudo havia levado um toque especial das ervas que ela havia aprendido a manipular. A última coisa que o rei ouviu naquela noite foi o riso da sua esposa ao declarar: Diga-me quem é o melhor guerreiro, você e sua fúria ou eu que venci todo o exército sem levantar uma espada.

Ao ouvir essa história, lembrei-me de imediato como funciona a estratégia de batalha e sobrevivência de mulheres negras. Mesmo depois de sermos desafiadas, desacreditadas, e subjugadas a espaços de silenciamento de nossas potencialidades, construímos estratégias outras, com ferramentas tais como os conhecimentos das nossas ancestrais que nos possibilitam construir novas narrativas, novas maneiras de pensar e fazer, novas maneiras de (r)existir. É nesse movimento de retomada, nesse processo cíclico *Sankofa* que a Pedagogia Feminista Negra estabelece suas primeiras raízes, colocando nos espaços epistemológicos de pensar a educação temáticas que existem no processo histórico da sociedade, mas que são estrategicamente invisibilizados. Construindo munição não apenas para mulheres negras educadoras e mães, mas para todo profissional educador que almeja constituir uma práxis antirracista pautada na necessidade urgente de envenenar o colonialismo dos currículos escolares, metodologias de ensino, projetos pedagógicos e instituições de educação.

Quando Aparecida de Jesus Ferreira, Angela Davis, Chimamanda Adichie, Djamilia Ribeiro, Carla Akotirene, Patrícia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Audre Lorde, Kimberle Crenshaw e tantas outras pensadoras negras deste movimento teórico crítico e pós crítico forjam suas teorias, elas entregam para nós educadoras o veneno para temperar a comida daqueles que estabelecem historicamente a invisibilidade das epistemologias negras, das cosmopercepções outras, da cultura, da literatura, da gênese do conhecimento humano em afro perspectiva. Faço um esforço, neste espaço de pensar como as ferramentas teóricas construídas por estas pensadoras nos possibilitam emancipar uma pedagogia feminista negra, a ponto de compreendê-la como uma semente de uma nova teoria da educação.

Por esta razão que o objetivo deste trabalho é estabelecer diálogos entre as teóricas do feminismo negro que tratam direta ou indiretamente sobre educação, afim de apontar a insurgência de um pensamento que indica a Pedagogia Feminista Negra como potencial a uma teoria da educação. Para tanto, partimos de uma sistematização de pautas afrocentradas que embasam uma metodologia possível de ser utilizada na prática pedagógica, estabelecendo no caminho uma síntese das principais pautas do Feminismo Negro no campo da educação, através de uma revisão de

literatura, e descrevendo em paralelo elementos que aproximam o arcabouço da Pedagogia Feminista Negra aos elementos que concebe epistemologicamente como uma teoria educação.

Uma teoria da educação depende de fatores diversos que corroboram na explicação e fundamentação da ocorrência do processo educacional. Deste modo, as pautas apontadas pela Pedagogia Feminista Negra, poderiam ser capazes de traduzir novas ferramentas para enraizar as relações de ensino e de aprendizagem, descrevendo seus métodos e indicando o papel dos agentes envolvidos neste processo: educadores, estudantes e a sociedade. Reconhecendo também a necessidade da interposição de abordagens filosóficas, psicológicas e sociológicas que podem constituir um modelo que oriente práticas pedagógicas feministas negras.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como um ensaio teórico, entendido como uma produção textual de natureza argumentativa e interpretativa, fundamentada em revisão bibliográfica e construção conceitual (Severino, 2016). Desenvolvido a partir de uma busca exploratória na base *SciELO Brasil* utilizando a união dos termos de busca “feminismo negro e educação” em agosto de 2025, na tentativa de garantir a pertinência de ambos nos estudos a analisar. Foram identificados cinco artigos, dos quais apenas dois tinham como foco central o pensamento feminista negro e o funcionamento deste campo teórico na atuação de profissionais da pedagogia, sendo ambos do ano de 2023. Os demais artigos tratavam de áreas tais: educação física, medicina e políticas educacionais.

A partir desses textos, mapeamos as principais teóricas utilizadas e os conceitos mobilizados na discussão. Em seguida, estabelecemos diálogos entre essas autoras e outras pensadoras do feminismo negro e da pedagogia feminista negra, ampliando o repertório teórico do trabalho. O procedimento adotado consistiu na interpretação crítica e articulação de ideias com o objetivo de analisar como o pensamento feminista negro já apresenta contribuições relevantes para a educação, apontando indícios de sua constituição enquanto teoria educacional. Dessa forma, elencamos uma metodologia que privilegia a argumentação conceitual e a construção interpretativa, características próprias do ensaio teórico, sem pretensão de exaustividade, mas buscando originalidade e rigor na elaboração de proposições. (Meneghetti, 2011)

Nestes textos foram analisadas as teóricas do Feminismo Negro que apontaram em seus estudos alguma provocação ou sistematização relacionada ao campo da educação. No primeiro artigo “História de Vida e Feminismos na Amazônia: um estudo de caso” (Pereira & Silva, 2023) a teórica citada pelas autoras de maneira superficial foi Chimamanda Ngozi Adichie, e sua obra “O perigo de uma história única”. Já no artigo “Feminismos interseccionais: problematizando o sujeito do feminismo” (Formiga, Feldens & Arditti, 2023) foi possível encontrar mais nomes e obras como: Carla Akotirene e sua obra “Interseccionalidade”, Angela Davis com “Mulheres, raça e classe”, Lélia Gonzales e a obra “Por um feminismo latino americano: ensaios, intervenções e diálogos”, Audre Lorde e o livro “Sister Outsider”, o livro “Quem tem medo do feminismo negro” de Djamilia Ribeiro, e artigos de autoria de Patrícia Hill Collins, Kimberle Crenshaw.

APROFUNDAMENTO DAS DISCUSSÕES

Principais pensamentos desenvolvidos por mulheres negras

A primeira obra citada “O perigo de uma história única” não é a principal referência de Adichie (2019) quando pensamos nas contribuições do movimento feminista negro para o campo da educação. No entanto, a obra sinaliza uma ferramenta fundamental na construção de práticas pedagógicas quando pensamos no movimento antirracista na atuação docente: a importância de compreender as diferentes versões de uma mesma história, afinal de contas, do ponto de vista do colonizador, o Brasil foi descoberto, do ponto de vista dos povos originários brasileiros ele foi invadido. A história única oferece perigo quando pensamos no atravessamento racial daqueles e

daquelas que detém o discurso, inclusive dominando as ferramentas de linguagem, promovendo pilhagens e epistemicídios que promovem a hegemonia do discurso dominante, condicionando o oprimido ao lugar de subalternidade. É o que Kilomba (2008) costuma descrever como outridade, esta categorização do outro a partir da perspectiva antagônica. Se *eu* sou bom e o *outro* não parece comigo, logo ele é ruim e nessa dicotomia entre *eu* e *outro* se estabelecem historicamente relações de poder e com isto relações de dominação em que opressor e oprimido (como diria Paulo Freire) estabelecem uma luta epistemológica, cultural e dialética.

Entre suas principais contribuições para o campo da educação, Adichie (2017) constitui uma curta, porém potente obra chamada “Para educar crianças feministas: um manifesto”, que trata diretamente da educação de crianças a partir da ótica de uma mulher negra mãe-educadora. Com o olhar tênue e reflexivo, de quem escreve cartas para defender a criação de meninas sob a perspectiva feminista, incentiva a prática de questionar os padrões sociais estabelecidos na perspectiva de gênero. Os 15 ensinamentos deste manifesto tratam da educação das próximas gerações, baseada em liberdade, independência, e da noção de desigualdade entre os gêneros. Para Adichie (2017) a educação feminista deve promover a igualdade, a liberdade, para que meninas e mulheres possam expressar seus desejos sem as limitações baseadas em estereótipos da performance de gênero. O manifesto está direcionado a pais, professores e para a juventude, tendo como base o feminismo e a luta por igualdade.

A autora seguinte encontrada no estudo é Akotirene (2019) que desenvolve no contexto brasileiro o termo Interseccionalidade, que dá nome à obra. Apresentando dentro da cultura afro-brasileira aquilo que Collins (2017) e Crenshaw (1989) desenvolvem em seus escritos, sob a ótica da experiência da mulher negra norte americana sobre os atravessamentos de gênero e raça comuns às mulheres negras, Akotirene (2019) retrata de maneira complementar como isso ocorre no Brasil e como o atravessamento da religiosidade também fundamenta esta maneira de analisar o “ser mulher negra” no país. O que dialoga diretamente com duas outras obras elencadas: “Mulheres, raça e classe” de Angela Davis (2020) e “Quem tem medo do feminismo negro?” de Djamila Ribeiro (2018).

Davis (2020) constrói em seus escritos uma poderosa crítica às opressões de gênero, de raça e de classe que atingem mulheres negras, ao abordar o patriarcado, o racismo estrutural e a iniquidade de classe social como ferramentas não isoladas e que formam um sistema complexo de discriminação e exploração interconectados. Em sua obra, destaca-se a história do movimento das mulheres negras, trazendo nomes importantes como Harriet Tubman, Sojourner Truth e Rosa Parks, e a luta pela liberdade e pelos direitos civis; introduz o conceito de interseccionalidade supracitado, corroborando com as relações de classe denunciando como mulheres negras pobres estão sujeitas a condições diferentes de exploração devido às condições de sobrevivência.

Neste passo, Ribeiro (2018) a partir da obra “Quem tem medo do feminismo negro” lança luz sob a importância de compreender o que é o feminismo negro e quais os desafios que este enfrenta dentro da sociedade brasileira, que encontra em suas raízes fundadoras o machismo e o racismo de maneira estruturante. A autora aponta não apenas a luta contra o racismo estrutural e o sexismo, mas a marginalidade que se sobrepunha ao movimento feminista negro no país, que além de marginalizado era deslegitimado por correntes feministas hegemônicas, que além de não reconhecer as especificidades e interseccionalidades roubavam o protagonismo do discurso sobre o ser mulher, numa tentativa de padronizar pautas e necessidades que divergem da luta das mulheres negras. Desta forma, cabe citar outra obra da mesma autora que aponta o lugar de fala como este espaço de conflitos, mas de suma importância para o movimento feminista negro.

Na obra “Lugar de Fala” Ribeiro (2017) populariza no Brasil o conceito que se aprofunda nas questões de identidade, opressão e representação, utilizando do termo como conceito central do feminismo negro para evidenciar como as experiências únicas de mulheres negras precisam ser ouvidas e valorizadas por compreender o discurso de um lugar que enfrenta as violências e

opressões de raça, classe social e gênero. Além de apresentar o conceito Ribeiro (2017) enfatiza em sua obra a importância de analisar a quem pertence a voz e o discurso que está sob holofote, indicando como o protagonismo versa diferentes pontos de vista de um mesmo objeto.

A organização da obra de Lélia Gonzales (2020) “Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos” traz contribuições que são de suma importância para assentar no território nacional o feminismo negro e as opressões no contexto latino-americano. Até o momento, muitas autoras norte-americanas haviam teorizado o feminismo negro, mas esse necessitava de um recorte territorial e cultural para compreender as diferentes dinâmicas de vida de mulheres negras na América Latina. No Brasil, as ideias de Gonzalez (2020) influenciaram profundamente o feminismo negro e a forma como pensamos as relações raciais, de classe e de gênero, construindo importantes críticas ao racismo estrutural e o machismo nos formatos específicos das opressões vividas pelas mulheres negras na América Latina. A obra citada é uma coletânea de textos que refletem sobre a interseção entre o feminismo e as realidades históricas, sociais, culturais e políticas da América Latina.

A obra tece críticas ao feminismo eurocêntrico e a marginalização da realidade de mulheres negras-latinas-americanas e indígenas, propondo a descolonização do feminismo, rompendo com os modelos importado e construindo um movimento teórico e social que considere a experiências e os contextos de mulheres da região. Outro tema importante abordado no livro é a relação entre o feminismo e as questões culturais e identitárias, o que apresenta a interseccionalidade que reflete não apenas sobre as formas de opressão, mas as possibilidades de resistência. Há uma importante discussão sobre como as mulheres latino-americanas estão constantemente reconstruindo e reapropriando suas identidades em um contexto de luta. (Gonzalez, 2020)

Quando Audre Lorde (1984) discute na coletânea de ensaios chamada “*Sister Outsider*” suas experiências e reflexões sobre identidades, feminismo, opressão, raça, sexualidade, e poder, constitui um marco no pensamento feminista negro, e é considerada obra essencial para correntes teóricas críticas e pós-críticas por tratar das interseções entre as diversas formas de opressão. A autora reúne conceitos e aprofunda a interseccionalidade a partir de sua própria experiência, tratando de temas como: identidade, feminismo, exclusão, a força da diferença, a importância da poesia e da escrita, a transformação pessoal e coletiva (que bell hooks chama de autoatualização) e o poder da resistência e da ação política, deixando evidente ao longo da obra como o movimento feminista negro precisa de ações diretas e de um esforço contínuo para a transformação que almeja, principalmente quando se refere à estruturas de poder que impedem o alcance a “verdadeira liberdade”. (Lorde, 1984)

Nesta revisão, nos deparamos ainda com dois artigos, sendo o primeiro “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista”, onde a autora Kimberle Crenshaw (1989) apresenta o conceito de interseccionalidade, discutindo as limitações da visão unidimensional para analisar as opressões e os problemas que acometem mulheres e suas diferentes identidades. Para Crenshaw (1989), analisar raça isolada de gênero promove o “apagamento” das realidades vividas pelas mulheres negras nas lutas feministas e nas lutas antirracistas. Além de fundamentar a interseccionalidade como um conceito, ela traz neste trabalho seminal a análise de casos jurídicos dos Estados Unidos em que mulheres negras foram marginalizadas tanto em ações legais de discriminação racial quanto em ações de discriminação de gênero. Ela demonstra que, nos tribunais, essas mulheres foram frequentemente incapazes de serem reconhecidas em sua plena identidade, já que as leis antidiscriminação muitas vezes tratam questões de raça e sexo de forma separada, resultando em um tratamento inadequado de suas reivindicações.

Uma das publicações mais importantes da autora é o artigo “*Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*” onde Crenshaw (1991) além de desenvolver o conceito de interseccionalidade de maneira mais profunda, ilustra como as

opressões de raça e gênero se entrelaçam afetando de maneira específica as mulheres negras, tecendo duras críticas ao movimento feminista pela ausência das necessárias abordagens da questão de raça, e ao movimento antirracista pela invisibilidade e negligência as pautas de gênero.

O segundo artigo é “O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso” em que Collins (2017) explana as distinções entre mulherismo e feminismo negro, duas abordagens que tendem a fragmentar o movimento de resistência e luta das mulheres negras. Neste trabalho, a autora além de apresentar a diferença entre as duas abordagens sinaliza como ambos objetivam o combate às opressões das mulheres negras, partindo de diferentes raízes e contextos. Cabe neste espaço um breve parêntese para diferenciar os dois movimentos, a fim de estabelecer o feminismo negro como vertente adotada para as concepções teóricas de educação que serão abordadas a seguir.

O termo mulherismo foi divulgado no livro “*Africana Womanism: Reclaiming Ourselves*”, desenvolvido por Cleonora Hudson-Weems (2004), introduzindo-o como resposta à falta de representatividade das agendas negras no movimento feminista tradicional, enraizado no feminismo branco ocidental. Neste trabalho fundamental, além de definir e desenvolver o conceito de mulherismo, ela aponta como o mulherismo reflete as experiências, valores e necessidades das mulheres negras dando enfoque à cultura, identidade, espiritualidade e principalmente ao compromisso comunitário. (Hudson-Weems, 2004)

Em contrapartida, o feminismo negro surge da crítica a exclusão das mulheres negras do movimento feminista tradicional sem necessariamente romper com a organização desta abordagem, mas redefinindo e sinalizando a necessidade de se pensar raça e classe imbricados as experiências do gênero. O feminismo negro destaca as opressões que as mulheres negras enfrentam de maneira articulada à política de identidade e da ação social para enfrentamento e combate destas opressões.

Retomando, é em Patrícia Hill Collins que encontro os primeiros indícios da possibilidade de pensar a Pedagogia Feminista Negra em uma teoria da educação, ao me debruçar sobre a obra “*Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciências e Política de Empoderamento*” em que Collins (2019) apresenta uma análise profunda de teóricas negras acerca das opressões enfrentadas por elas, concentrando-se em forjar o pensamento feminista negro como um campo de conhecimento próprio, em que denota inclusive a importância de pensar essas mulheres negras, suas produções acadêmicas e suas experiências no campo da educação. É neste espaço que a autora sinaliza a importância da voz das mulheres negras como uma experiência autêntica, rompendo com a perspectiva externa ou acadêmica que distorce e silencia discursos e conceitos produzidos dentro do movimento feminista negro que têm sido historicamente ignorados ou marginalizados.

Pedagogia Feminista Negra: Epistemologia-Teoria-Cosmopercepção

Na sessão anterior nos coube apreciar as tessituras das produções intelectuais de mulheres negras brasileiras e norte americanas sobre o pensamento feminista negro, que inspira a organização de uma Pedagogia Feminista Negra, que se estrutura nas contribuições destas pesquisadoras e teóricas acerca da incidência na educação provocada pelas ferramentas do feminismo negro. A contribuição mais popular é a obra “*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*” em que hooks (2017) conduz uma construção poderosa que entrelaça as propostas educacionais desenvolvidas por Paulo Freire atravessadas pela questão de gênero e raça. De maneira semelhante ao que desenvolve Collins (2019), esta obra indica um importante movimento para pensarmos o feminismo negro como uma teoria que possibilita novas maneiras de pensar a educação. Neste espaço lanço então a seguinte pergunta: o que é necessário para constituir uma teoria da educação?

Depois de uma trajetória poderosa nas teorias de educação ofertadas pela disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGE-

UEFS), o mínimo que nos cabe é conceber que o desenvolvimento de uma teoria da educação é um processo complexo, que em seu rigor acaba por exigir a dedicação de uma vida inteira para os intelectuais, em muitos casos chegando ao reconhecimento póstumo. Para tal é necessária não apenas uma reflexão crítica, mas a integração de diferentes atores que se relacionem com o ensino, a aprendizagem, a sociedade, o território e a cultura. Para inaugurar uma nova teoria educacional é necessário considerar os aspectos conceituais (objetivamente teóricos) e as questões práticas (da execução e aplicabilidade no chão da escola).

Apesar de não ser interpretada como uma teoria da educação a pedagogia feminista negra constrói dentro de um campo de reflexão crítica e transformadora uma maneira de repensar a educação fundamentada nas experiências e cosmopercepções das mulheres negras, questionando as estruturas educacionais tradicionais e propondo novas formas de ensinar e aprender, pautando inclusão, equidade, representatividade e diversidade de raça, gênero e classe. A priori nos cabe pensar: o que a pedagogia feminista negra deseja alcançar, enquanto objetivo educacional?

Segundo hooks (2017) há neste entrelace entre educação gênero e raça a busca pela promoção de uma educação crítica, emancipatória, inclusiva e transformadora. Uma educação que reconheça e valorize as vozes e experiências de mulheres negras no combate às diversas formas de opressão em uma busca quase utópica pela transformação dos sujeitos e da sociedade. Uma educação que preconize a capacitação de mulheres negras a se afirmarem enquanto sujeitas de direito, conhecimento e poder. Por extensão, nos cabe interpretar que ocorre de maneira concomitante uma ruptura com as experiências e vozes eurocentradas, que contam histórias que colocam o sujeito branco hétero cis patriarcal na centralidade do conhecimento e do poder, elucidando para crianças e jovens o potencial da diversidade em produzir diferentes discursos, mas principalmente, diferentes interpretações - ferramenta exponencial na propositiva de constituir mudanças sociais no que diz respeito ao machismo e o racismo. Este é o primeiro indício que nos permite compreender como a Pedagogia feminista negra pensa a formação de sujeitos críticos e a promoção do desenvolvimento social de estudantes, respondendo a questões como os valores cultivados pela educação como igualdade, liberdade e autonomia. Educação esta que não alcançará apenas crianças negras, mas todo aquele e aquela que acessar os espaços formais e informais de difusão do conhecimento.

Para se estabelecer como uma teoria da educação há a necessidade de apresentar em sua cosmopercepção os papéis dos educadores e dos educandos no processo educativo, refletindo sobre a relação de poder em uma sala de aula. Pinho e Mesquita (2022) apontam que na pedagogia feminista negra o educador atua como descolonizador, empoderador e facilitador, buscando desenvolver um educando ativo, crítico e transformador, estabelecendo uma relação solidária e dialógica almejando uma educação inclusiva, justa e que possibilite a emancipação destes agentes. As autoras sinalizam que o educador deve atuar como sujeito crítico do modelo educacional eurocêntrico, valorizando as epistemologias negras, agindo como descolonizador do conhecimento. Neste sentido a descolonização da educação depende também da valorização e reconhecimento das contribuições científicas, históricas e culturais da diáspora africana, e de maneira atrelada aos produzidos pelos povos originários. Também é papel do educador criar um ambiente dialógico, em que os estudantes se sintam incentivados a questionar as estruturas de poder, promovendo a reflexão crítica sobre o conhecimento e o modelo de sociedade excludente em que vivemos, promovendo a equidade, atuando na contramão das desigualdades estruturais presentes no sistema educacional. (Pinho & Mesquita, 2022)

Estendendo os conceitos desenvolvidos por hooks (2017) podemos considerar o educando virtual constituído pela Pedagogia Feminista Negra como: um sujeito ativo e que protagoniza o processo de aprendizagem trazendo suas experiências, saberes e conhecimentos para construir reflexões críticas e pensar em ações que incidam na transformação dos seus espaços de convivência familiar e social. Sujeitos que encontram no espaço dialógico narrativas que protagonizem suas

vivências e experiências, aproximando a construção do conhecimento das epistemologias que dialogam direta e indiretamente como o modo de pensar e viver da sociedade em que vive. Por isso nos cabe também compreender a relevância da construção de uma identidade positiva deste educando numa perspectiva de auto aceitação e valorização de sua identidade e da herança cultural e científica de sua ancestralidade. De maneira mais evidente, hooks (2017) sinaliza o desenvolvimento da autonomia, tomadas de decisões conscientes que incidem diretamente nas diversas opressões que atravessam esse sujeito educando como papel para dominar as narrativas e emancipar-se no que a autora chama de autoatualizar-se.

A Pedagogia Feminista Negra também considera o contexto social, cultural e político, compreendendo que a diversidade cultural, social, o ambiente político e econômico tem impacto significativo nas relações de ensino e nas relações de aprendizagem. Neste espaço, chamaremos esses elementos de Condicionantes Sociais da Educação. Para Collins (2019) a teoria feminista negra precisa considerar estes elementos para tratar das diferentes relações de opressão que são acometidas as mulheres negras em diferentes territórios. É o que González (2020) e Akotirene (2019) constituem em suas obras ao indicarem que é importante atentar para o contexto em que está inserido o sujeito e as interseccionalidades que o assombram.

CONCLUSÃO

Segundo a sabedoria ancestral de Nego Bispo, não existe início, meio e fim, as coisas são feitas de começo, meio e começo. As coisas naturais não se extinguem, transformam-se em outra coisa dando o novo sentido, o sentido de recomeço. Veja, a mitologia de Nanã nos conta que ela buscou no fundo do rio o barro para oxalá moldar os primeiros seres humanos, a matéria prima que compõe os corpos vem da terra, e apenas a terra serão devolvidos os nutrientes e toda matéria orgânica que compõem a vida de cada ser vivo: partindo da mãe da criação e voltando para ela - que também é responsável por mostrar aos mortos qual o caminho para o novo começo. Se um pequeno verso de uma mitologia iorubana é capaz de nos ensinar sobre o ciclo da vida, quanto saber há enraizado nas epistemologias negras e indígenas fundam o país, mas que de maneira estratégica não chegam as salas de aula?

Neste interminável ciclo em que se baseia a circularidade, um dos principais fundamentos das filosofias africanas, há uma concepção de um tempo que é espiralar - circunda a si mesmo e se re-materializa em um novo *locus* em que as vivências passadas, influenciam as concepções de futuro. Não é como voltar no tempo, mas é viver movimentos semelhantes: cíclicos o que me permite estender para a relevância de assentar a Pedagogia Feminista Negra como uma teoria da educação, não apenas baseada em todo este ensaio supracitada, mas em uma teoria da educação pelo que é em seu cerne fundamental: um campo de análise dos processos de ensino e de aprendizagem, os princípios que conferem diretriz para uma prática educativa. Os artigos que baseiam este trabalho indicam que há no chão da escola a ocorrência deste pensamento feminista negra, o que nos cabe enquanto espaço empírico a incidência e os efeitos disso nas práticas pedagógicas. Práticas estar que são multidisciplinares, atravessada por diversas ciências humanas e que objetiva potencializar o indivíduo: suas capacidades, habilidades sociais e socioemocionais promovendo igualdade social.

Diga-me então se não foi este o movimento que assentamos neste espaço, cabendo assertivamente a crítica da necessidade de sistematizações e reflexões mais profundas acerca da temática. Nos cabendo vislumbrar nas próximas décadas uma teórica da educação feminista negra, que se dedique a organizar os pensamentos destas e outras feministas negras – teóricas e ativistas – que versaram de maneira direta ou indireta sobre a educação, debruçada em outros e outras autorias que refletem e organizam a educação baseados em outras cosmopercepções, permitindo justificar e apontar a relevância de pensar a educação sob a perspectiva da mulher negra que é corpo basal da sociedade contemporânea.

Só com o caminhar destas cientistas poderemos começar a pensar futuramente em compreender como se dá o processo de aprendizagem de crianças, em sua diversidade, que conhecem ainda na primeira infância a diversidade e a pluriversalidade de pensamentos. Sendo apresentados desde a educação infantil a cosmopercepções que conferem dignidade a sujeitos que foram condicionados ao obscurantismo e ao silenciamento de suas narrativas. Mesmo que pareça utópico, nos cabe, enquanto educadores, almejar o triunfo de metodologias que dialoguem e respeitem as multifaces que constituem a nossa sociedade em sua diversidade histórica, empírica, cultural e linguística.

Para fundamentarmos a Pedagogia Feminista Negra como teoria da educação nos caberia ainda pensar em seus princípios pedagógicos, em como compreendem as teorias de aprendizagem, na ética e nos valores que esta teoria da educação visa promover, e a crítica das estruturas educacionais existentes, que indicam a necessidade do desenvolvimento de uma nova teoria educacional. Para isto, a Pedagogia Feminista Negra precisa se debruçar nas experiências cotidianas das contemporâneas - mulheres negras que estão construindo hoje em seus espaços escolares práticas pedagógicas e nos espaços de disputa de narrativa, que dialogam com os princípios apresentados no acervo teórico das cientistas do pensamento feminista negro.

Uma teoria da educação precisa considerar como ela será aplicada na prática, constituindo não apenas uma base teórica sólida, mas um contexto educacional concreto, que nos possibilite reconhecer seus mecanismo e ferramentas para só então estabelecermos a relevância e atualização desta teoria. Este processo não se finda, existem muitos estudos nos quais haverá a necessidade de uma análise mais aprofundada para uma reflexão que consiga responder de fato se há *corpus* para conceber a Pedagogia Feminista Negra como teoria da educação, e em caso negativo pensarmos quais são as lacunas que precisam ser aplacadas afim de indicar novos rumos para uma educação verdadeiramente crítica, inclusiva, interseccional e transformadora.

Contribuições dos Autores: Santana, J. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Grilo, J. S.P.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Rios, P. P. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Não aplicável.

Agradecimentos: Não aplicável.

REFERÊNCIAS

Adichie, C. N. (2009). O perigo de uma história única. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras.

Adichie, C. N. (2020). Para educar crianças feministas: um manifesto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade: que conceitos são esses? Rio de Janeiro: Letramento.

Collins, P. H. (2017) O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. *Cadernos Pagu*, Campinas, (51), e175118.

Collins, P. H. (2019). Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciências e Política de Empoderamento. São Paulo: Editora Selo Negro.

Crenshaw, K. (1989). "Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista". *Fórum Jurídico da Universidade de Chicago*, (8), 1-15.

Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. Stanford: Stanford University Press.

Davis, A. (2020). Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo Editorial.

Formiga, G. C. B.; Feldens, D. G.; Arditti, R. G. (2023). Feminismos interseccionais: problematizando o sujeito do feminismo. *Rev. Bras. Educ.*, (28), 1-15.

Gonzalez, L. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar.

Hooks, B. (2017). Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Ribeiro, V. (Trad.). São Paulo: Editora Record.

Hudson-Weems, C. (2004). *Africana Womanism: reclaiming ourselves*. 1. ed. Troy: Bedford Publishers.

Kilomba, G. (2019). Memória da plantação: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Elefante.

Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, 15(2), 320-332.

Pereira, A. S.; Silva, I. R. (2023). História de Vida e Feminismos na Amazônia: um estudo de caso. *Educ. rev.*, Dossiê Histórias da Educação na Pan-Amazônia: Sociedades, Culturas, Tempos e Espaços, (39).

Pinho, C.; Mesquita, T. V. L. (Org.). (2022). *Pedagogia Feminista Negra: Primeiras aproximações*. Editora Veneta, Coleção Serpente.

Ribeiro, D. (2017). Lugar de fala. 1. ed. São Paulo: Editora Pólen.

Ribeiro, D. (2018). Quem tem medo do feminismo negro. 1. ed. São Paulo: Editora Pólen.

Severino, A. J. (2016). Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez.

Recebido: 3 de junho de 2025 | **Aceito:** 2 de agosto de 2025 | **Publicado:** 6 de outubro de 2025



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.